

## REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS

*Amanda Souza Ribeiro<sup>1</sup>*

*Cristina Satiê Pátaro<sup>2</sup>*

*Frank Antonio Mezzomo<sup>3</sup>*

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar discussões a respeito do ensino de História nos anos iniciais, com base na reflexão acerca de uma prática pedagógica desenvolvida junto a crianças do 4º ano do Ensino Fundamental, no trabalho com os conteúdos voltados para a história do município de Campo Mourão. No presente texto, busca-se questionar as práticas tradicionais do ensino de História, analisando as contribuições que o movimento da Nova História trouxe para o ensino da disciplina e a formação de professores. A prática realizada evidencia a importância da utilização de diversas fontes históricas junto aos alunos, possibilitando a compreensão das mudanças e permanências ao longo do tempo, bem como da importância do sujeito e das ações cotidianas na construção da História.

**Palavras-chave:** Ensino de história. Anos iniciais. Formação de professores.

---

1 Mestranda do Programa de Pós-Gradual Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento PPGSeD da Universidade Estadual do Paraná.

2 Docente da Universidade Estadual do Paraná, campus de Campo Mourão (Unespar) e bolsista Produtividade pela Fundação Araucária. Diretora de Pesquisa da Universidade Estadual do Paraná. Professora e vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (Unespar, campus de Campo Mourão).

3 Professor da Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão (Unespar). Graduado (1996) em Filosofia e Especialista (1997) em História Social na Historiografia Contemporânea pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Mestre (2000) e Doutor (2009) em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

---

## ABSTRACT

This paper aims to discuss issues related to History teaching in the early years, based on a reflection on a pedagogical practice developed with children of elementary school, in working with contents about the history of Campo Mourão city. In this paper, we problematize the traditional practices of History teaching, analyzing the contributions that the New History brought to History teaching and teacher training. The practice held highlights the importance of using various historical sources to the students, enabling the understanding of the changes and continuities over time, and the importance of the subject and of everyday actions in the construction of History.

**Keywords:** History teaching. Elementary school. Teacher training.

## Introdução

A partir do fim do período militar (1964-1985) e, posteriormente, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96), novas discussões sobre o ensino de História começam a ser pautadas e defendidas, assim como propostas e metodologias, as quais passam a fazer parte das orientações e diretrizes nacionais da disciplina, a exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais e, no caso do Paraná, de suas Diretrizes Curriculares. Apesar desse movimento, pode-se observar que muitas das aulas de História no Ensino Fundamental têm sido pautadas na prática denominada tradicional, na qual o ensino da disciplina é pautado na sucessão cronológica e linear dos acontecimentos, esses tidos como a única verdade existente.

O ensino de História embasado nas novas propostas – impulsionadas em grande parte pela Nova História – vem questionar a visão tradicional, destacando a necessidade de mostrar que a história também é construída pelas pessoas, homens e mulheres, em seu cotidiano, e que o ensino da disciplina deve demonstrar o lugar dos sujeitos na história e proporcionar elementos para que esses consigam entender e se localizar no tempo, no espaço, entendendo que são sujeitos atuantes na história.

Em relação à formação dos professores responsáveis pelo ensino de história nos anos iniciais do Ensino Fundamental, é preciso destacar que, com frequência, os docentes deste nível de ensino possuem apenas a formação de nível Médio ou mesmo a graduação em pedagogia, não tendo, portanto, a formação específica nos conteúdos curriculares. Tendo em vista que o Curso de Pedagogia apresenta uma carga horária pequena destinada às disciplinas que orientam sobre o ensino de história, concordamos com afirmação de Caimi (2010) quando considera que o conhecimento histórico desse professor é limitado e, muitas vezes, está baseado na sua escolarização ou de acordo com a cultura presente no seu meio social.

As questões apresentadas nesse texto, buscam discutir a importância do ensino de história na formação do professor dos anos iniciais, a partir da prática pedagógica desenvolvida junto a uma turma dos anos iniciais do Ensino Fundamental por ocasião do Estágio obrigatório, realizado no quarto ano do Curso de Pedagogia<sup>4</sup>.

---

4 A prática pedagógica apresentada foi desenvolvida por ocasião do Estágio obrigatório do

O Estágio de docência do Curso de Pedagogia tem como objetivo proporcionar, aos acadêmicos, possibilidades de articulação entre teoria e prática – entendendo que essas são indissociáveis –, assim como oferecer possibilidades de aproximação com a realidade em que os futuros professores irão atuar. Dessa forma, o Estágio não é apenas o espaço da prática, mas é destinado à preparação do futuro docente para sua atuação profissional.

No campo da docência, em especial, o Estágio possibilita a oportunidade de o licenciando entrar em contato com a realidade na qual atuará em após formado, compartilhando os conteúdos e práticas estudadas com o espaço da escola e da sala de aula. As disciplinas estudadas ao longo do Curso devem, assim, proporcionar subsídios que fundamentem e possibilitem a compreensão da prática realizada.

Portanto, o Estágio se constitui como um momento de reflexão sobre a prática, sendo que ao discutirmos sobre ela, podemos repensá-la e melhorá-la, para um próximo momento. A teoria é necessária para essa reflexão e deve ser concreta a ponto de ser quase confundida com a prática (FREIRE, 1996). Dessa forma a reflexão sobre a prática realizada constrói uma teoria que, posteriormente, retorna à prática, em uma relação dialética.

## **I. Repensando o Ensino de História**

Ao longo do tempo, sobretudo a partir do século XIX quando a história se constitui como disciplina e, portanto, compreendida como ciência moderna, ela passou a ser investigada e ensinada de maneiras diversas, a partir de paradigmas historiográficos que traziam diferentes concepções de tempo e diferentes modos de lidar com o passado. A perspectiva tradicional, em geral associada ao

---

quarto ano do Curso de Pedagogia da Unespar (Universidade Estadual do Paraná), campus de Campo Mourão, com alunos de um 4º ano do Ensino Fundamental em uma escola Municipal de Campo Mourão, PR.

No quarto ano do Curso de Pedagogia da Unespar, câmpus de Campo Mourão, o Estágio tem a carga horária total de 170 horas, divididas entre as áreas: Educação de Jovens e Adultos (40 horas), Séries Iniciais do Ensino Fundamental 3º a 5º anos (40 horas), Gestão (60 horas), Educação Não-Escolar (30 horas). O Estágio no Ensino Fundamental foi realizado entre os meses de maio e junho de 2014, no período da manhã.

---

Positivismo, o Materialismo Histórico e a Nova História são três correntes que imprimiram no Ocidente, nesse caso particular no Brasil, marcas indeléveis que são percebidas até a atualidade.

Na abordagem tradicional, o ensino de história segue um viés nacionalista, primando pela preservação de heróis, exercendo influências na formação de conceitos como cidadania e nação. O ensino de história nessa perspectiva tem como objetivo a construção de uma identidade nacional, apresentando aos alunos um passado da nação repleto de conquistas, protagonizadas por heróis brancos e seus grandes feitos. Dessa forma:

o ensino de história assume uma perspectiva que se resume em festejar datas num desfile linear, anacrônico e sem significado, ao lembrar fatos do passado de forma descontextualizada e sob um único viés, decorrente da atuação épica de personagens, reverenciados como “heróis”, e que figuram como seres sobrenaturais. (BERGAMASCHI, 2002, S/P).

Esse modelo de ensino segue uma concepção que compreende o tempo como linear, contínuo e progressivo, sendo conhecida como uma história de eventos, onde os fatos são apresentados e descritos em sequência cronológica, sem espaço para interpretações, pois essas poderiam prejudicar a imparcialidade e objetividade dos fatos (BURKE, 1992). Nesse entendimento, acredita-se que a verdade histórica é “alcançada por meio da neutralidade do historiador ante o real analisado, obtendo assim um reflexo fiel dos fatos do passado” (BRUCE, FALCÃO, DIDIER, 2006, p. 201).

Na abordagem tradicional, é função da história o levantamento e descrição de fatos, que são apresentados como uma sucessão de acontecimentos que não necessariamente estão relacionados uns aos outros (a não ser por uma lógica de causalidade), dando destaque às conquistas políticas, às batalhas, aos feitos dos grandes heróis nacionais. As principais fontes utilizadas são, assim, os documentos oficiais, e a narrativa histórica é repleta por ações do Estado e pelas instituições reconhecidamente afilhadas/afinadas à ele.

Com o adiantar do século XX, a abordagem tradicional começa a ser questionada, e outros paradigmas, aos poucos, vão ganhando legitimidade e legando para o ensino de história, uma prática-reflexão mais integrada ao cotidiano e pró-

ximo da realidade do aluno. Nesse contexto, o materialismo dialético ganha destaque. Em relação à investigação histórica, considera a realidade como dinâmica, com contradições e dialética, tendo como elemento importante às lutas de classes. Sua concepção de tempo tenta explicar o passado por meio do tempo acontecido e “da contradição que pode ser encontrada em todo fato e, para compreender a contradição, faz necessário deslocar-se temporalmente intentando como determinados fatos se constituíram historicamente e porque se apresentam de tal forma ao homem no presente” (OLIVEIRA, 2010, p. 43). Um aspecto importante é que a perspectiva do materialismo histórico traz para o ensino de História a visibilidade das parcelas oprimidas da população, além de objetivar que o aluno se compreenda como sujeito da própria história (PARANÁ, 2008).

Apesar de o materialismo histórico ter apresentado outra forma de narrativa histórica e causado mudanças importantes na forma de investigar o passado, mudanças significativas na concepção de tempo parece ter ocorrido de forma mais intensa a partir das discussões propostas pela Escola dos Annales<sup>5</sup>, a partir do movimento que ficou conhecido como Nova História. Com os debates e ponderações que foram efetivadas por profissionais de história, participantes de instituições como a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e pela Associação Nacional de História – SBPC e ANPUH, respectivamente –, houve mudanças na concepção de ensino de história, influenciando reformas curriculares e apresentando uma nova concepção de educação (BRUCE, FALCÃO, DIDIER, 2006).

Com as discussões da Escola dos Annales, o ensino de história passou por transformações que causaram alterações em relação à forma como o tempo é concebido dentro da disciplina. Se no ensino tradicional o tempo histórico é pensado e apresentado de forma contínua, linear e progressiva, na Nova História ganham destaque outras temporalidades, enfatizando o caráter repetitivo, cíclico e simultâneo do tempo, onde diferentes aspectos da vida dos seres humanos começaram a constar como preocupações dos historiadores. Para os historiadores da Nova

---

5 A Escola dos Annales se apresentou hegemônica no ocidente, sobretudo a partir de meados da década de 1960. A Escola, ou movimento como preferem alguns historiadores, surgiu a partir de um grupo de historiadores franceses que fundaram, em 1929, a Revista *Annales d'histoire économique et sociale*. Tratou-se de um projeto, usando a expressão de Burke, que revolucionou a escrita da história no século XX (BURKE, 1992; OLIVEIRA, 2011).

História não são somente os feitos de homens pertencentes a história política de cada país que constroem a História, essa também é formada por todos os acontecimentos humanos, “que anteriormente não se havia pensado possuírem uma história, como, por exemplo, a infância, a morte, a loucura, o clima, os odores, a sujeira e a limpeza, os gestos, o corpo” (BURKE, 1992, p. 11).

Esses historiadores propuseram diferentes abordagens para o ensino de história, ampliaram as possibilidades de fontes para a investigação e para o ensino, uma vez que todo registro humano poderia ser utilizado e analisado com fonte histórica, como documento (LE GOFF, 1996). Isso porque, para realizar uma leitura ou releitura do passado e eleger novos objetos para estudo, faz-se necessário encontrar novas fontes, quando os historiadores passam a considerar as fotografias, textos literários, relatos orais e evidências estatísticas como fontes de informação para seus estudos (BURKE, 1992).

Com essa nova forma de entender História, a concepção de progresso e do tempo contínuo e linear foi repensada. O historiador deve considerar nas suas análises o tempo da duração, dessa forma, é necessário analisar os fatos considerando não só sua organização cronológica, mas também as mudanças e continuidades presentes ao longo do tempo. Os historiadores da Escola dos Annales apresentam uma concepção de tempo onde afirmam que “deve ser considerada na construção da História, a simultaneidade das durações assim como os movimentos de permanências e mudanças que ocorrem em uma sociedade ao longo de um determinado período” (OLIVEIRA, 2010, p. 44-45), dessa forma não seria possível considerar apenas a cronologia para entender o tempo histórico.

Assim, o ensino de História pautado nessa abordagem, inspirada pelos historiadores da Escola dos Annales, defende a história como um processo formado por diferentes temporalidades e não como fatos acabados, sendo possível realizar diferentes interpretações do passado.

## 2. A prática desenvolvida na escola

No Estágio de Ensino Fundamental, desenvolvido em uma escola municipal de Campo Mourão junto a uma sala de 4º ano que contava com 21 alunos<sup>6</sup>, tivemos como objetivo trabalhar a história do município de Campo Mourão, sua constituição histórica, as mudanças e permanências que podem ser percebidas ao longo das últimas décadas. Abordamos a discussão de presente e passado, buscando destacar as transformações que ocorreram no município desde sua origem.

Ao planejar as aulas, tivemos a preocupação em (re)pensar a seleção dos conteúdos e metodologias em vista de novas abordagem, tentando afinar-se a perspectiva da Nova História. A escolha dos conteúdos escolares reflete uma concepção de história, e envolve interesses dos poderes constituídos. Deste modo, definir o que será ensinado caracteriza uma série de disputas em relação à memória, à constituição dos sujeitos e da nação. Procuramos valorizar uma história cujo papel seria o de orientar os sujeitos na tarefa de pensar historicamente e formarem sua consciência histórica (SCHMIDT, GARCIA, 2005), reconhecendo as variadas experiências das sociedades construídas historicamente, levando os estudantes a, por meio desses conhecimentos, compreender os fatos do seu tempo e da sua vida. Acreditamos que a história não é apenas formada por datas, fatos históricos, nomes de heróis ou pela memorização e repetição dessas informações pelos alunos, como acontece no ensino de História tradicional. A disciplina de história deve ter como objetivo formar um sujeito que é capaz de utilizar seus conhecimentos intelectuais para se localizar na sociedade em que está inserido e entender o mundo onde vive (CAINELLI, 2010).

Em vista de tais objetivos e perspectiva, em nossa primeira aula, apresentamos aos alunos o processo de constituição de um município, de um bairro, e as características dos espaços de zona rural e urbana.

Iniciamos a aula com o mapa do município de Campo Mourão para, junto

---

6 A escola é dividida em três blocos, um onde atende a educação infantil, outro o Ensino Fundamental e no terceiro é a parte administrativa, gestão e cozinha. Possui refeitório, uma quadra de esporte, parquinho para os alunos da educação infantil e uma horta utilizada na alimentação dos alunos. As turmas do Ensino Fundamental contam com duas professoras regentes, o plano de trabalho desenvolvido para esse Estágio foi aprovado e acompanhado pela professora regente.

---



com as crianças, identificarmos o bairro onde estava localizada a escola. O mapa foi colado na lousa, os alunos se aproximaram e iniciaram a busca. Todos se dispuseram a tentar localizar e poucos minutos depois um dos alunos conseguiu encontrar o bairro onde ficava a escola. Essa atividade possibilita aos alunos trabalhar as noções de representação e localização no espaço, considerando, de acordo com Zamboni (1989), que quando “o ser humano tem consciência do lugar que ocupa no espaço, melhor é seu relacionamento com o grupo social a que pertence; tem maior clareza de suas relações com as demais pessoas, e condições de se situar historicamente” (ZAMBONI, 1989, p. 65).

Na sequência, iniciamos uma conversa sobre onde moravam, como era o lugar, quais eram os tipos de construções que havia no local, se havia estabelecimentos comerciais, e como era o caminho da sua casa até a escola. No início, apenas um dos alunos se dispôs a contar como era o lugar onde morava, relatando a existência de várias casas, algumas árvores, mercado, padaria, ruas asfaltadas, animais de estimação e ausência de indústrias. Cainelli (2010) salienta a importância de a escola utilizar e respeitar os conhecimentos e vivências dos alunos, somente dessa forma eles compreenderão que lugar ocupam no espaço e seu papel na sociedade. Dessa forma “é a reflexão constante sobre o dia a dia de cada criança e do professor que ambos têm condições de refletir sobre o seu grupo, perceberem as relações sociais e de produção nele existentes e a partir daí situarem-se historicamente” (ZAMBONI, 1989, p. 71).

Em um segundo momento, trabalhamos um texto sobre o que são e como são constituídos os municípios e analisando o bairro onde morava cada criança e discutindo acerca da importância de alguns serviços serem ofertados no município. A maioria das crianças descreveu o bairro onde morava como sendo urbano e residencial, com muitas casas, poucas árvores, alguns estabelecimentos de comércio, como mercado e padaria, posto de saúde, escolas e ruas asfaltadas. Apenas um aluno descreveu seu bairro como sendo urbano industrial, com várias indústrias, poucas casas e árvores. Os serviços que eles acreditavam serem importantes em uma cidade foram os hospitais, a coleta de lixo, as escolas, e a segurança.

Na atividade seguinte, trabalhamos os espaços e as atividades presentes na zona urbana e na zona rural, as semelhanças e diferenças e as articulações entre elas. Todos os alunos afirmaram morar na zona urbana, que caracterizaram

como sendo um espaço onde há muitas casas, prédios, ruas asfaltadas, mercados, comércio, hospitais, escolas, onde as casas ficam perto uma das outras e há poucas árvores. Para a zona rural os alunos descreveram como sendo um espaço onde há mais árvores e plantações, poucas casas e que as mesmas ficam distantes uma das outras, tem vários animais, criação de gado e de outros animais. Afirmaram que a vida das pessoas que moram na zona urbana é corrida, levantam cedo e vão para a escola ou trabalho, passam o dia todo fora. Já na zona rural, embora as pessoas também acordam cedo, a rotina seria outra: dar comida para os animais e trabalhar cuidando da plantação. Isto é, a natureza do trabalho desenvolvido e a relação com o tempo no cotidiano é um pouco diferente. De acordo com Bergamaschi:

As formas de viver, sentir e pensar o tempo, ao longo da história, não são homogêneas, nem tampouco aparecem iguais nos diferentes grupos sociais que compartilham de uma simultaneidade temporal. Sua compreensão varia de acordo com as concepções de mundo predominantes e é sempre uma construção histórico-cultural. (BERGAMASCHI, 2002, S/P).

Após terem entrado em contato com as características do espaço e das atividades do município onde vivem as crianças da turma, a segunda aula teve como objetivo trabalhar a noção de passado e presente por meio da análise de dois vídeos que tratam da história de Campo Mourão. Nesse momento, o objetivo era discutir sobre como surge um município, quantos anos já se passaram desde sua constituição, e o que as crianças conheciam sobre a história local.

O primeiro vídeo<sup>7</sup> trabalhado tratava do aniversário de 60 anos do município, comemorado em 2007, em que são destacados o surgimento, desenvolvimento e potencialidades de crescimento na atualidade. Apresenta como surgiu a cidade, como foi se transformando com o passar do tempo, sua importância e inserção regional, a qualidade dos serviços oferecidos, força econômica, cultura, educação e saúde. Como atividade solicitamos que, durante a sua exibição, as crianças prestassem atenção aos lugares retratados, tentando ver o que conseguiam reconhecer, e quais os temas estavam sendo priorizados. Após assistirem, registramos

---

7 Trata-se do material intitulado: Campo Mourão 60 anos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P5wAmpSo9Og>. Acesso em: 15 abr. 2015.

na lousa, com a ajuda dos alunos, quais os temas que foram destacados. Dentre os temas, as crianças citaram educação, saúde, lazer, polo de alimentos, cultura, e modernização.

Em seguida, as crianças assistiram ao segundo vídeo<sup>8</sup>, intitulado “Assim nasce uma cidade”, que trata também do município de Campo Mourão, mas que foi produzido na década de 1960. De início, não informamos o ano em que foi feito o documentário, apenas que se tratava de algo diferente do primeiro, e pedimos que prestassem atenção para poder entender e, posteriormente, comparar com o primeiro. Cainelli destaca a importância de se trabalhar as semelhanças e diferenças, mudanças e permanências como elementos da noção temporal, e afirma que:

Há uma construção de sentidos para as explicações sobre o tempo e as mudanças temporais são explicadas a partir da percepção das transformações nos objetos e nas estruturas sociais a partir das suas vivências atuais. Observando [por exemplo] a televisão de plasma e comparando-a com a televisão de fusível, a criança pode começar a estabelecer as primeiras noções de movimento do tempo e de transformações (CAINELLI, 2006, p. 70).

O vídeo apresenta imagens da cidade no início de sua ocupação, quando estavam sendo construídas ainda as primeiras residências, em madeira, em meio a araucárias e outras árvores que eram derrubadas para dar espaço às casas e estabelecimentos comerciais. Segue mostrando o desenvolvimento da cidade até a década de 1960 – período no qual foi filmado –, como a estrutura das casas foi evoluindo ao longo do tempo, assim como a cidade como um todo, dando destaque para os estabelecimentos comerciais, os serviços oferecidos no município, e espaços públicos. Na sequência, apresenta alguns dos migrantes do município e suas famílias, ainda vivos e moradores de Campo Mourão desde a década de 1960<sup>9</sup>.

---

8 O documentário leva o nome de: Assim nasce uma cidade. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3tRaRxlEaak> (Parte I) e [https://www.youtube.com/watch?v=oISoFp\\_vDJ4](https://www.youtube.com/watch?v=oISoFp_vDJ4) (parte II). Acesso em: 02 abr. 2015.

9 Vale ressaltar que o vídeo reflete uma perspectiva tradicional de história e de desenvolvimento do município. A despeito desta característica, entendemos que todo documento pode ser problematizado, em vista de levar os alunos a um processo de reflexão e desconstrução, de analisar as intencionalidades e jogos de poder que marcam sua produção e perpetuação.

---

Após a exibição conversamos sobre o que haviam achado do material, quais os temas haviam sido abordados e que espaços conseguiram reconhecer. A maioria dos alunos reconheceu apenas a praça no centro da cidade, atualmente denominada de Praça Getúlio Vargas.

Com esse exercício de apresentação dos vídeos, provocou-se os alunos a entrar em contato com a dimensão histórica dos espaços que convivem, buscando identificar as mudanças e permanências nas construções, nos costumes, nos temas e demais características políticas e econômicas do município. De acordo com Schmidt e Garcia (2005) “a partir do seu presente e de sua experiência, alunos e professores se apropriam da história como uma ferramenta com a qual podem romper, destruir e decifrar a linearidade de determinadas narrativas históricas” (SCHMIDT, GARCIA, 2005, p. 304).

Sistematizamos as semelhanças e diferenças entre os dois vídeos, bem como as mudanças e permanências presentes no município de Campo Mourão ao longo das décadas de abrangência das fontes trabalhadas. Acerca das mudanças e permanências no município de Campo Mourão, foram citadas pelas crianças as seguintes mudanças: a estrutura das casas, as ruas, a quantidade de casas, as roupas das pessoas, os carros, e os prédios comerciais. Em relação ao que permaneceu igual, destacaram as paisagens, pessoas, instituições religiosas (Ex.: a Catedral), e famílias.

Para a visualização da passagem do tempo, trabalhamos com a linha do tempo na lousa, com a finalidade de localizar a época em que foram feitos os dois vídeos trabalhados, além de destacar o ano atual (2014), o ano de nascimento de cada criança e o ano de emancipação do município de Campo Mourão. De acordo com Cainelli “a questão da temporalidade e da forma como as crianças entendem a passagem do tempo está relacionada com a experiência familiar. Recorrem a lembranças de objetos (presentes de Natal e aniversário), [...] para organizar o tempo com sentido de progressão” (CAINELLI, 2006, p. 65). Dessa forma é relevante relacionar o conteúdo trabalhando com as vivências dos alunos e com as pessoas de seu convívio.

O terceiro dia de aula teve como objetivo dar sequência ao trabalho sobre noção de tempo, presente e passado, fazendo uso, para tanto, de fotos recentes e antigas de algumas construções do município. De acordo com Mauad,

considera-se a fotografia como índice, como marca de uma materialidade passada, na qual objetos, pessoas, lugares nos informam sobre determinados aspectos desse passado - condições de vida, moda, infra - estrutura urbana ou rural, condições de trabalho etc. [...] a fotografia é um símbolo, aquilo que, no passado, a sociedade estabeleceu como a única imagem a ser perenizada para o futuro. Sem esquecer jamais que todo documento é monumento, se a fotografia informa, ela também conforma uma determinada visão de mundo (MAUAD, 1996, p. 80).

As crianças foram levadas a registrar, por meio de desenhos, como era o município no passado e como é atualmente. Durante essa atividade, foram distribuídas aos alunos algumas fotos de lugares da cidade em duas versões: antigas e atuais. Primeiro apresentamos a foto de como era o lugar há algumas décadas e discutimos se reconheciam aquele lugar e depois mostramos a foto do lugar atualmente. De acordo com Mauad (1996) “a fotografia – para ser utilizada como fonte histórica [...] – deve compor uma série extensa e homogênea no sentido de dar conta das semelhanças e diferenças próprias ao conjunto de imagens que se escolheu analisar” (MAUAD, 1996, p. 82). Na sequência, seguem algumas das fotos utilizadas na atividade:

**Imagem 1:** Centro de Campo Mourão, Praça Getúlio Vargas (1955)



**Fonte:** <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1232409>.

**Imagem 2:** Centro de Campo Mourão, Praça Getúlio Vargas



**Fonte:** <http://wibajucm.blogspot.com.br/2012/01/mormuls-avatar.html>

---



A primeira imagem mostra o centro da cidade, Praça 10 de Outubro (hoje Praça Getúlio Vargas) e o Instituto Santa Cruz em 1955. Na imagem, duas mulheres e, ao fundo, a Catedral São José. Podemos notar que não havia muitas árvores e outras edificações no local. Na segunda imagem, o centro da cidade em 2012, com a nova construção da igreja, construído no lugar do antigo prédio, além de muitas árvores enfeitando a praça, bancos, chafariz e luminárias. **Imagem 3:** Catedral São José no centro de Campo Mourão (1940 e 2012)



**Fonte:** <http://wibajucm.blogspot.com.br/2012/02/campo-mourao-ontem-e-hoje.html>

A imagem 3 dá destaque para a Catedral São José localizada no centro da cidade. A foto apresenta como era na década de 1940, com estrutura pequena, feita de madeira, com arquitetura diferente da atual e seu entorno, sem árvores e construções. A segunda foto mostra a nova Catedral, construída no lugar da primeira, com estrutura mais moderna, feita de tijolos, com várias árvores ao seu redor, bancos de madeira, tendo à frente um chafariz e luminárias.

**Imagem 4:** Campo Mourão Avenida Capitão Índio Bandeira, esquina com a Rua São Paulo (1980)



**Fonte:** <http://wibajucm.blogspot.com.br/2011/05/fotos-antigas-campo-mourao-anos-50.html>

**Imagem 5:** Campo Mourão Avenida Capitão Índio Bandeira, esquina com a Rua São Paulo (2012)



**Fonte:** [http://s273.photobucket.com/user/pepedrocunha/media/Downtown00\\_zps17859c73.jpg.html](http://s273.photobucket.com/user/pepedrocunha/media/Downtown00_zps17859c73.jpg.html)



Na imagem 4, temos o centro da cidade em 1980, Avenida Capitão Índio Bandeira, esquina com a rua São Paulo. Podemos observar os carros da época de diferentes cores, pessoas andando, edificações de 2 a 3 pavimentos e árvores. A imagem 5 traz a mesma avenida recentemente, em cuja imagem podemos notar as transformações que ocorreram com o passar do tempo: a rua aparece asfaltada, dois dos prédios que aparecem na imagem 4 ainda estão presentes, mas apresentam novas edificações de mais de 7 pavimentos, largos canteiros floridos e os carros aparentam ser mais modernos e menos coloridos.

**Imagem 6:** Centro de Campo Mourão (1973)



**Fonte:** <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1232409>

**Imagem 7:** Centro de Campo Mourão (2012)

**Fonte:** [http://s273.photobucket.com/user/pepedro.cunha/media/Cidade131\\_zps10eac03d.jpg.html](http://s273.photobucket.com/user/pepedro.cunha/media/Cidade131_zps10eac03d.jpg.html)

O centro da cidade é retratado nas imagens 6 e 7. Na imagem 6, em 1973, podemos ver a Praça Getúlio Vargas, a Rodoviária Municipal e uma parte da cidade. Nesse momento a igreja estava sendo reformada, não havia muitos prédios e casas. Já na imagem 7, o mesmo local em 2012, podemos observar que o espaço construído aumentou, tem mais prédios, a rodoviária foi transferida dando lugar para a biblioteca municipal e ao terminal de ônibus.

Ao longo da atividade, as semelhanças e diferenças, mudanças e permanências aqui indicadas foram apresentadas e analisadas junto às crianças. Com isso, a discussão e compreensão sobre passado e presente ficaram mais claras para os alunos, os quais conseguiram, por meio das fotos, perceber e fazer uma análise do que havia mudado nos lugares retratados nas fotos apresentadas e o que permanecia igual. Relataram sobre as construções, a rua, árvores, as roupas que as pessoas usavam na época, e os modelos de carros que circulavam. De acordo com Mauad, em relação à análise de imagens, afirma que:

a mensagem fotográfica tem na noção de espaço a sua chave de leitura, posto que a própria fotografia é um recorte espacial que contém outros espaços que a determinam e estruturam, como, por exemplo, o espaço geográfico, o espaço dos objetos (interiores,

exteriores e pessoais), o espaço da figuração e o espaço das vivências, comportamentos e representações sociais (MAUAD, 1996, p. 82).

Assim, compreendemos que o trabalho com as fotografias possibilita a compreensão da dimensão temporal que marca os espaços vivenciados pelos alunos, em nosso caso, o município de Campo Mourão.

Trabalhamos com um texto retirado do site da Prefeitura da cidade, que possibilitou entrar em contato com a “versão oficial” da História do município de Campo Mourão, sua origem e primeiras famílias. O texto foi entregue aos alunos, lemos e discutimos o mesmo.

Em seguida, no intuito de possibilitar às crianças a problematização da versão oficial e enfatizar a importância de outros sujeitos na história do município, realizamos uma pesquisa com os alunos sobre suas famílias, por meio de um questionário que versava sobre o local onde moram, há quanto tempo estão em Campo Mourão, quando ou em que ano chegaram ao município e quem veio, de qual cidade a família é, por que a família decidiu mudar-se e se há outros familiares que moram na região. De acordo com Bergamaschi,

Primeiramente, a história de vida de cada aluno deve ser a referência para localizar o tempo na história: quando nasceu, sua idade, os acontecimentos que marcaram sua vida. A vida do aluno em relação à história de outras pessoas; como se insere a vida de cada um em relação aos pais, avós, aos mais velhos (BERGAMASCHI, 2002, S/P).

A maioria das famílias era de Campo Mourão ou região, os que são de outras cidades teriam vindo para o município em busca de emprego e melhores condições de vida, ou para ficar perto de parentes que residiam na cidade. O objetivo foi trabalhar com os alunos que a história também é feita pelas pessoas consideradas “comuns”, por eles e suas famílias, e não somente pelos *pioneiros e heróis*, como determinados livros didáticos apresentam. Dessa forma,

busca-se recuperar a vivência pessoal e coletiva de alunos e professores e vê-los como participantes da realidade histórica, a qual deve ser analisada e retrabalhada, com o objetivo de convertê-la em conhecimento histórico, em autoconhecimento, uma vez que, desta maneira, os sujeitos podem inserir-se a partir de um pertencimento, numa ordem de vivências múltiplas e contrapostas

na unidade e diversidade do real. (SCHMIDT, GARCIA, 2005, p. 299-300).

Na última aula trabalhamos com a montagem de um desenho da cidade com a colagem de figuras retiradas de jornais e revistas. Nessa sala onde foi realizado o Estágio, os alunos demonstraram que gostam muito de atividades de pintura, desenho, colagem. Nessa atividade, como em outras relacionadas a desenho que foram desenvolvidas, os alunos realizaram com mais facilidade e com menos resistência, se comparado com as atividades onde eles precisavam ler, interpretar e escrever.

Por fim, tendo como referência a discussão sobre o ensino de História, cabe destacar que, durante as aulas, foram utilizadas diferentes metodologias e fontes históricas, com o objetivo de levar aos alunos diferentes formas de apresentar o passado e possibilitar discussões sobre o mesmo, articulando as experiências cotidianas dos alunos com as de outras pessoas em diferentes épocas. De acordo com Oliveira (2010), o ensino de história necessita da utilização de diferentes fontes, pois é por meio delas que a realidade é problematizada e são investigadas no passado resposta, possibilitando um deslocamento temporal.

## **Considerações finais**

O Estágio realizado contribuiu para o entendimento acerca do ensino de história no Ensino Fundamental, a importância de se utilizar diferentes fontes, focar a compreensão de que a história é processo, não está pronta e circunscrita apenas um passado, e pode ser vista de diferentes formas. É relevante mostrar as crianças que a história também é feita por elas e suas famílias e não apenas por heróis.

Por meio da utilização das diferentes fontes (vídeos, fotos, texto, etc.) constatamos que os alunos conseguiram observar e entender as mudanças que foram ocorrendo ao longo do tempo no município de Campo Mourão, e que uma cidade se desenvolve a partir das necessidades que vão surgindo e devem ser sanadas para atender a população.

A utilização de elementos das vivências dos alunos os aproximou das discussões sobre história, pois dessa forma tiveram a oportunidade de compartilhar sua história pessoal como os demais alunos, mostrando que essa também é feita por

eles e por suas famílias que vieram para o município em diferentes temporalidade e motivos e fazem parte da construção do mesmo.

Por fim, entendendo a importância do Estágio na formação de professores, acreditamos ser importante destacar que as reflexões aqui trazidas acerca da prática desenvolvida não descartam a necessidade de novas indagações, aprendizagens e transformações em nosso trabalho docente. Isso porque, durante as aulas, constatamos que os alunos, em sua maioria, apresentavam dificuldades para se manterem concentrados, acabavam demorando a realizar as atividades, levantando muito de suas carteiras, conversavam com os colegas, e havia alguns que não queriam realizar as atividades que estavam sendo propostas; outros faziam, mas reclamavam que estavam cansados e que eram muito longas as respostas às questões. Esse comportamento, em muitos momentos, provocou um sentimento de frustração por não conseguirmos chamar a atenção dos alunos, mas também de motivação para buscar alternativas para conseguir superar tais dificuldades. Diante disso, acreditamos que o Estágio supervisionado pode se apresentar como um grande momento de grande importância para nossa formação, não apenas por possibilitar reflexões sobre o ensino de história – conforme já discorremos anteriormente – mas também por permitir a consciência de que a prática pedagógica, articulada à discussão teórica e à reflexão, pode sempre ser modificada, repensada, complementada, a partir das experiências e novas aprendizagens decorrentes da nossa formação/atuação.

Recebido em julho de 2015.

Aprovado em dezembro de 2015.

## Referências

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. O tempo histórico no ensino fundamental. In: HICKMANN, Roseli. **Estudos Sociais: outros saberes e outros sabores**. Porto Alegre, Mediação, 2002. Disponível em: [http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo4/estudos\\_sociais/O\\_tempo\\_historico\\_no\\_ensino\\_de\\_historia.pdf](http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo4/estudos_sociais/O_tempo_historico_no_ensino_de_historia.pdf). Acesso em: 02/10/2014.

BRUCE, Fabiana; FALCÃO, Lúcia; DIDIER, Maria Thereza. História(s) e Ensino de História. **Caderno de Estudos Sociais da Fundação Joaquim Nabuco**. Recife, v. 22, n. 2, jul./dez., 2006, p. 199-207.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales (1929-1989)**. 2 ed. São Paulo: Edusp, 1992.

CAIMI, Flávia Eloisa. Meu lugar na história: de onde eu vejo o mundo? In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias. 2010 (Coord.). **História: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

CAINELLI, Marlene. Educação Histórica: perspectivas de aprendizagem da história no ensino fundamental. **Educar**, Curitiba, p. 57-72, 2006.

CAINELLI, Marlene. O que se ensina e o que se aprende em História. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias. 2010 (Coord.). **História: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história – interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.



OLIVEIRA, Enilson Pereira. Considerações sobre a escola dos Annales: o debate entre Peter Burke e François Dosse. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, São Paulo, 17 a 22 de julho, 2011, p. 1-14.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira de. Os tempos que a História tem. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias. 2010 (Coord.). **História: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Rede Pública da Educação Básica do Estado do Paraná: História**, Curitiba, 2008.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; GARCIA, Tânia Maria Figueiredo Braga. A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história. **Caderno CEDES**, Campinas, v. 25, n. 67, p. 297-308, set./dez. 2005.

ZAMBONI, Ernesta. Desenvolvimento das noções de espaço e tempo na criança. **Cadernos CEDES: A prática de ensino de História**, n.10, p. 63-71, 1989.